



O CONCEITO DE RESISTÊNCIA NA HISTÓRIA AFRICANA

FLH0649 – História da África

Prof. Alexandre A. Marcussi

CARTA DE D. ANA DE SOUSA (A RAINHA JINGA), PARA O GOVERNADOR DE ANGOLA LUÍS MARTINS DE SOUZA CHICHORRO (1655)

[...] e de quem estou mais queixosa é do governador Salvador Correia, ao qual dei as peças que Vossa Senhoria lá saberá e fiz duzentos banzos, por ver se me mandava pessoa, como foi o Capitão-Mor Rui Pegado, por embaixador em nome de Sua Majestade, que Deus guarde, que me entregariam minha irmã e haveria muita paz. Entendi que não podia altar a palavra real, e por estes enganos e outros ando pelos matos, fora de minhas terras, sem ter quem informe a Sua Majestade, que Deus guarde, de meu pouco sossego, tendo eu tantos desejos de estar em paz com o dito senhor e seus governadores. Mas todos os passados vieram tratar do seu proveito, e não do serviço real, de que estão informados que tanto lhes encomenda Sua Majestade, pois lhe importa este reino a seus reais direitos, e mais importava estando eu sossegada em paz, fazendo feiras mais perto para pumbeiros lhes não custar tanto trabalho trazer as fazendas tão longe, e eu gozá-las mais baratas. Ao fim, espero em Deus que só Vossa Senhoria há de ter louvor com Sua Majestade, que Deus guarde, de me deixar em paz e sossegada, e a Quissama conquistada, coisa que nenhum governador fez nem mereceu tal glória.

Eu me ofereço para ajudar a Vossa Senhora na conquista dela. Quando não queira dar obediência, mandarei um dos meus grandes com o maior poder que ser possa, quando Vossa Senhoria levar gosto. Isto farei em sinal de obediência que dou a Sua Majestade, que Deus guarde, e também dou a minha palavra que, tanto que chegarem os reverendos padres com minha irmã, tratarei logo de deixar parir e criar as mulheres seus filhos, coisa que até agora não consenti por seu estilo de quilombo, que anda em campo, o que não haverá havendo paz firme e perpétua. E em poucos anos se tornarão minhas terras a povoar como dantes, porque até agora me não sirvo senão com gente de outras províncias e nações que tenho conquistado, e me obedecem como sua senhoria natural com muito amor, e outros por temor. Não podia Vossa Senhoria mandar-me embaixador que mais me alegrasse que o Capitão Manuel Frois Peixoto, por saber bem declarar-me tudo pela língua deste meu Reino. Todos meus grandes estão contentes, que dizem que só ele me traz paz verdadeira e fala verdade, e tudo o que Vossa Senhoria lhe ordena por seu regimento, e já me considero com a prenda que desejo e com muita paz e quietação esses dias que viver, que já sou velha e não quero deixar minhas terras senão à minha irmã, e não a meus escravos, que haverá muita ruína e não saberão obedecer a Sua Majestade, que Deus guarde, e como minha irmã o saberá fazer, pois há tantos anos que assiste com os brancos e é tão boa cristã, como me dizem. E não se leve Vossa Senhoria de ditos de moradores que sempre trataram de me inimistarem com os governadores passados. E Vossa Senhoria, como parente do senhor governador João Correia de Souza, meu padrinho que Deus tem em glória, me há de fazer mercê alcançar esta paz, por carta firmada da mão de Sua Majestade, para mais firmeza minha e de meus grandes, para que sosseguem e tratem de cultivar as terras, como dantes.

O capitão Manuel Fróis Peixoto me pediu da parte de Sua Majestade o jaga Cabuco por tão bom estilo que lho não pude negar, posto que tenha dito de Cabuco muita queixa por me haver destruído minhas terras, razão fora que andasse em meu serviço alguns anos para me satisfazer parte da tanta perda como me deu. Contudo, são tão grandes os desejos que tenho de ver minha irmã que, tanto que ela chegar a esta minha corte, darei logo licença ao dito jaga para que se vá com o capitão Manuel Fróis Peixoto quando partir, e que logo esteja às suas ordens. Isso pode Vossa Senhoria ter por certo, como o socorro que digo darei para a Quissama, se a Vossa Senhoria lhe for necessário, e tudo o mais que me for mandado, amigos de amigos, inimigos de inimigos. No que toca as duzentas peças que Vossa Senhoria me pede pelo resgate de minha irmã Dona Bárbara, é um preço muito rigoroso, havendo eu dado as peças que Vossa Senhoria já deve saber aos governadores passados e embaixadores, fora mimos a secretários e criados de sua casa, e a muitos moradores, que ainda hoje sinto enganos. O que me atrevo a dar a Vossa Senhoria serão cento e trinta peças. O cento mandarei tanto que estiver minha irmã na Ambaca, e para isso há de ficar em refém o embaixador, até que a dita minha irmã entre nesta minha corte, que veja eu a verdade, por que me não suceda o que me tem sucedido e usaram comigo os governadores passados. E não estranhe Vossa Senhoria querer-me segurar: é escusar desgotos, suposto que entendo ser esta embaixada verdadeira, mas os meus grandes estão duvidosos, por lhes lembrar o passado.

[...]

Fonte: CADORNEGA, António de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas*: 1680. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972, tomo II, p. 501-503.



MWÊNE NJINGA MBANDE
SOBERANA DO NDONGO E DA MATAMBA
1582-1663

Monumento em homenagem à soberana Njinga Mbande, inaugurado por Sua Excelência José Eduardo dos Santos, presidente da República de Angola e patrono da festa. Aos 18 de novembro de 2002, em alusão ao 27º aniversário da independência de Angola.

Com o patrocínio da FESA – Fundação Eduardo dos Santos

CAMINHOS DA RESISTÊNCIA ANTICOLONIAL: UMA TELEOLOGIA DO ESTADO?

“Resistências
primárias”
“Protonacionalismos”

Nacionalismo
independentista

Estado nacional

USOS E ABUSOS DA RESISTÊNCIA NA HISTORIOGRAFIA

- O conceito de “resistência” como constitutivo do campo de História da África no Brasil: Abdias Nascimento e as pautas do movimento negro no Brasil dos anos 1970-80
- A projeção da “resistência” contra o racismo na “resistência” contra o colonialismo e contra os europeus: a moralização da resistência
- A resistência como conceito relacional:
 1. Quem resiste? (agentes particulares)
 2. A que se resiste? (objetos)
 3. De que formas se resiste? (táticas)
- Michel Foucault: a resistência como constitutiva do poder no “dispositivo da sexualidade”
- A resistência como *consolidação* do poder: constitutiva dos limites e dos campos de aplicação legítima do poder

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CADORNEGA, António de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas: 1680*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972. 3 v.

COOPER, Frederick. *Colonialism in question: theory, knowledge, history*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2005.

DAVIDSON, Apollon Borisovich. African resistance and rebellion against the imposition of colonial rule. In: RANGER, Terence O (Ed.). *Emerging themes of African history: proceedings of the International Congress of African Historians held at University College, Dar es Salaam, October 1965*. Nairobi: East African Publishing House, 1968, p. 177-188.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RANGER, Terence O. Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, Albert Adu (Ed.). *A África sob dominação colonial, 1880-1935*. Trad. MEC/Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos. 3ª ed. São Paulo/Brasília: Cortez, UNESCO, 2011, p. 51-72. (História Geral da África, v. 7)

SOUZA, Marina de Mello e. Paz e catolicismo em Matamba. In: *Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2018, p. 143-223.

PARA LER HOMI BHABHA: ALGUMAS NOÇÕES DE PSICANÁLISE

- O conceito de “fetichismo” em Sigmund Freud e a ideia de *Verleugnung*/recusa (em oposição a *Verdrängung*/repressão)

FREUD, Sigmund. O fetichismo (1927). In: *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 302-310.

- O “estádio do espelho” em Jacques Lacan e a ambivalência do imaginário

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 104-126.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-103.



Frederick Cooper

- 1947 (Nova York)
- Graduação em História em Stanford (1969) e doutorado em História em Yale (1974)
- Professor nas universidades de Harvard (1974-1982), Michigan (1982-2002) e Nova York (desde 2002)
- Especialidades: história das relações de trabalho e sindicalismo na África Oriental e Ocidental, nacionalismos anticoloniais

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Como podemos interpretar a relação da Rainha Jinga com os portugueses, no século XVII, à luz da discussão de Frederick Cooper acerca das resistências africanas à presença europeia no continente? Em que medida é possível atribuir uma “bricolagem” à atuação de Jinga?
2. Analise a forma como Frederick Cooper discute conceitualmente o binômio “resistência/opressão” e discuta o que ele pretende indicar com o conceito de “bricolagem” (p. 35).
3. Explique a seguinte afirmação de Cooper: “[...] devemos nos mover além de simplesmente tratar a modernidade, o liberalismo, a cidadania ou a igualdade burguesa como se elas fossem doutrinas fixas e contidas em si mesmas” (p. 56). O que as ideias de Cooper implicam para uma narrativa global da modernidade?